

A almejada liberdade na contemporaneidade da obra *Verão no Aquário* de Lygia Fagundes Telles

Milena Vieira da Silva (UNEMAT)¹

Resumo: Este artigo sugere ao leitor reflexões sobre a obra *Verão no Aquário*, de Lygia Fagundes Telles. Uma vertente bem interessante é a estética literária da autora em usar uma personagem plana como protagonista da obra. Então o leitor poderá contemplar a vida de Raíza, que deseja encontrar um amor avassalador, achando que assim sua vida mudará. Raíza critica tudo e todos ao seu redor, porém, ela mesma não toma nenhuma atitude cabível para que haja mudanças. Por isto, usaremos autores como Eagleton (2006), Aguilari (2017), entre outros, que nos ajudarão a entender mais a fundo essa personagem. E para o desenvolvimento da reflexão, usaremos os pensamentos de Raíza para conduzi-la.

Palavra-chave: Romance; Liberdade; Desconstrução; Feminilidade; Amor.

Abstract: This article suggests reflections to the reader on the work *Verão no Aquário*, by Lygia Fagundes Telles. A very interesting aspect is the author's literary aesthetics in using a flat character as the protagonist of the work. Then the reader will be able to contemplate the life of Raíza, who wants to find an overwhelming love, thinking that this way her life will change. Raíza criticizes everything and everyone around her, however, she herself does not take any appropriate action to bring about changes. For this reason, we will use authors such as Eagleton (2006), Aguilari (2017), Assis (1881), among others, who will help us to understand this character in more depth. And for the development of reflection, we will use Raíza's thoughts to lead it.

Keywords: Romance; Freedom; Deconstruction; Femininity; Love.

¹ Graduanda no curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Pontes e Lacerda. Artigo elaborado à disciplina de Literatura Brasileira II vinculada ao Departamento de Letras – Campus de Pontes e Lacerda – UNEMAT, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Madalena Machado, como requisito parcial para a obtenção da aprovação na disciplina.

1. Introdução

A autora brasileira Lygia Fagundes Telles contemplada com o prêmio Jabuti em 1963 com a obra *Verão no Aquário* (1998), com um cuidado estético da editora Rocco em trazer na capa um instrumento musical, dois peixes e outros desenhos com tons opacos, sem muito destaque, corroboram junto com o título do livro, que os fatos que sucedem a obra acontecem num único verão. A escrita do livro se dá de forma corrida, sem distinção de quando as personagens estão realmente agindo ou apenas pensando. Por conseguinte, a autora foca exclusivamente no conhecimento a fundo da personagem Raíza, e por consequência contemporânea, o principal nessa escrita, são os pensamentos de Raíza, que mostram suas qualidades morais em relação as pessoas ao seu redor.

Nessa obra *Verão no Aquário*, Telles aborda a vida de uma moça por nome Raíza, que tem uma vida livre, mas um tanto complexa, já que perdeu seu pai com quem ela tinha uma boa relação e pelo sofrimento de perdê-lo, começa a ter conflitos com a mãe. Raíza vive um dilema, pois em diversas partes da estória esperamos que ela faça algo revolucionário para sua vida pessoal, mas isso não ocorre, isto é, ela apenas idealiza seus planos, mas nunca os concretiza. Raíza critica tudo ao seu redor, sua prima Marfa, sua tia Graciana, sua mãe Patrícia e até mesmo os homens a quem ela almeja se casar, sendo muito deles, porque todo homem ela imana que seja seu grande amor, porém, ninguém a amava como ela esperava e acaba se decepcionando, mas nem por isso deixaria de amar novamente. Desta forma, percebemos que esse amor incessante que ela tanto almejava, estava no amor que ela deveria ter por si mesma. E essa estória contará a busca de Raíza por esse grande amor, que não chega a lugar algum.

Diante do exposto, podemos aprofundar nossa pesquisa que está voltada especificamente para a estética que a autora quis desenvolver sua estória, isto é, o uso de uma personagem plana como protagonista da obra, trazendo novamente mais uma característica contemporânea para sua escrita. O foco narrativo partindo das não atitudes de Raíza, que somos levados a perceber as nossas semelhanças para com a personagem principal, já que é quase padronizado enganarmos a nós mesmos que mudaremos de vida, mas isso não acontece. Por isso, que somos tocados pelo sentimento de angústia que Raíza transmite, por ser tão ingrata para com aqueles que realmente se importam com ela, e não ter empatia por outro alguém além dela mesma. Fazendo que Telles desenvolva melhor esse sentimento como uma crítica para a tão sonhada liberdade das pessoas nos dias atuais, mas que não fazem muito, mesmo tendo esse privilégio de ir e vir.

Com a intenção de frisar essas críticas percebidas através da leitura em *Verão no Aquário*, a autora Lygia Fagundes Telles, traz acontecimentos um tanto quanto rotineiros para que ao final da leitura, na qual esperamos uma atitude concreta de Raíza e nada acontece, possamos indagar o porquê dela não tomar nenhuma atitude, mas que além disso, observamos se realmente somos como Raíza, que tem toda a liberdade em fazer o que quiser de sua vida. Liberdade esta, que muitas mulheres almejam, muitas vezes não fazem nada além de uma vida medíocre como todo mundo.

Para ajudar a entender melhor essas críticas ressaltadas por Telles, traremos como embasamento a teoria de Eagleton (2006) sobre *O Pós Estruturalismo*, que foca na desconstrução das vertentes, ou seja, traz outras percepções para a verdade absoluta impregnada pela sociedade. Dentro do pós-estruturalismo temos uma espécie de guarda-chuva teórico, que engloba as questões de discurso, cultural e *queer*, que todas estas têm uma certa relação com o nosso tema principal, ou seja, a voz de Raíza como o centro da estória, a voz da mulher esquecida, marginalizada que nesse romance ganha o poder da presença.

Discutiremos o pós-estruturalismo nessa obra pelas atitudes de Raíza ao desconstruir o que a sociedade considera como o certo, isto é, aos olhos morais e éticos das pessoas ao seu redor. Raíza deveria ser uma mulher com preceitos religiosos e segui-los, obter um único marido que também fosse religioso, aprender a fazer as atividades domésticas e continuar a tocar piano, o que ela fazia muito bem. Todavia a autora descontrói esses preceitos para que enxerguemos com outro olhar a vida de uma jovem contemporânea, não havendo a necessidade de tantas atribuições como lhe são cobradas.

Além disso, traremos um artigo escrito por Aguilier e Gonçalves (2017), que aborda de uma forma mais resumida sobre como Eagleton aborda o pós-estruturalismo, que também ajudará em nossa análise, que mostraremos de forma comparatista as atitudes de Raíza que deixam os leitores um tanto angustiados por ela não tomar nenhuma atitude cabível sobre si mesma, ajudando-nos também na percepção do senso comum impregnados nas nossas rotinas, e que é mais fácil segui-lo do que o contradizer.

Desse modo, entenderemos como nossas atitudes são semelhantes com as de Raíza, para que assim, possamos nos autoavaliar para fugir da centralização de uma única vertente, mostrando o que o pós-estruturalismo quer ressaltar, não mostrar uma outra verdade absoluta, mas sim, encaminhar o leitor a percepção dos jogos binários encontrados na literatura, ou seja, trazer duas possibilidades de resposta e distanciar o leitor do que é tendencioso.

2. Desconstruindo a feminilidade

A obra de Lygia Fagundes Telles, mostra a busca aflitiva de Raíza por afetividade, mostrando que o seu pai, já falecido, era o único que lhe correspondia com esse amor insano que ela tanto almeja, e por esse motivo, ela se mostrava uma mulher com dificuldades em se comunicar e expressar suas opiniões sobre as questões que a rodeava, ela só conversa de maneira irônica e debochada, fazendo que raramente as pessoas a compreenda, “você faz ironia, Raíza. Essa é a diferença principal entre você e sua mãe” (Telles, 1998, p. 93). Isso é o que deixa Raíza ainda mais afastada de todos, sua mãe sendo considerada a mulher ideal para os olhos de qualquer pessoa, comparada a filha, que por meios sociais seria o fracasso da família, por ter toda a liberdade em decidir os rumos de sua vida, mas nunca tomar nenhuma atitude. Daí entra a descentralização que o pós-estruturalismo assegura, “ocorre apenas que certas significações são elevadas desse jogo de significantes, conduzidas por ideologias sociais, a uma posição, ou transformadas em centros em torno dos quais outras significações são obrigadas a girar” (Eagleton, 2006, p. 197-198). Isto é, mesmo que descentralizamos a mulher ideal em Raíza, ela está sendo obrigada a girar em torno de sua mãe, que é considerada essa mulher ideal socialmente falando.

Em decorrência da falta de afetividade que Raíza tanto almejava, ela delirava lembrando seus momentos com seu pai, “logo você poderá tocar essa valsa”, disse meu pai examinando o disco. Estávamos os dois na sala dos retratos da nossa antiga casa, sala dos retratos e das visitas que por sinal não nos visitavam nunca” (Telles, 1998, p. 120). Raíza desejava tanto encontrar um amor como o seu pai tinha por ela, que acabava criando muitas expectativas em seus rápidos relacionamentos, e até mesmo se entregar a homens casados, fugindo dos preceitos morais enfatizados pela sociedade. Assim,

O descentramento do sujeito anunciado pelo pós-estruturalismo rompe com a concepção de um ser humano essencialista e universal compreendido pelos estruturalistas e permite pensar nas mais variadas formas de experiências vivenciadas em diferentes contextos, por diferentes indivíduos (Aguiliar; Gonçalves, 2017, p. 37).

Dessa forma, compreendemos que a autora Lygia Fagundes Telles almeja com sua escrita mostrar o lado de uma mulher comum, com sonhos comuns, e que mesmo tendo a mãe como sua base social, ela tem vida própria e não precisa seguir à risca tudo o que a sociedade a impõe, contemplando assim, mais uma característica contemporânea e revolucionária na

escrita da autora, apresentando um outro lado livre de uma mulher, podendo ultrapassar os estereótipos pregados pelos julgadores éticos morais do mundo em que vivemos.

Eagleton usando as palavras de Jaques Derrida prossegue: “mas também era possível colocar a própria linguagem como uma alternativa para os problemas sociais que nos pressionavam renunciar, sombria ou triunfante, à ideia tradicional” (Eagleton, 2006, p. 211). Dando continuidade no que Telles vem trazendo em sua escrita, isto é, mostrando um lado quase que indiscutível, mas com uma grande relevância para a atualidade, no caso, colocar a mulher livre como o foco principal de uma obra. “Segui a mesma direção do vento” (Telles, 1998, p. 147), observemos como Raíza tem a liberdade em ir e vir e fazer suas próprias escolhas, não se importando com o que todo mundo espera dela, mas o que ela realmente deseja, mesmo que na maioria das vezes não concluindo seus planos.

Ademais, entendemos como a obra *Verão no Aquário* nos surpreende se a lermos prestando atenção nos detalhes que Eagleton (2006) considera como importante na compreensão da leitura através do pós-estruturalismo. São esses detalhes de uma leitura não tão chamativa, mas que usa o homem comum como centro, ou melhor, o uso da mulher como centro da estória, pois desde a antiguidade a mulher tenta ganhar destaque, mas quando ganha é para menosprezá-la, porém, na escrita de Telles, ela usa a mulher como a única portadora de suas decisões, mas mostrando também que ser livre tem suas consequências, já que não adianta esperar que alguém lhe mostre o caminho a ser seguido. Isso deve ser buscado por si só, como Raíza exprime, “as vozes então ficaram confusas, mas havia nelas tamanho desespero que fui tomada de pânico e desatei a chorar” (Telles, 1998, p. 34), ou seja, a liberdade pode ser na maioria das vezes a busca incessante de todas as pessoas, principalmente mulheres, mas que, contudo, em muitos momentos, estaremos sozinhos e nada além de sua própria companhia para se reerguer e prosseguir.

O que acaba dando mais vida para a fala de Eagleton, quando, “a desconstrução é para ele uma prática política; é, em última análise, uma tentativa de desmontar a lógica pela qual um sistema particular de pensamentos e, por trás disso, todo um sistema de estruturas políticas e instituições sociais mantêm sua força” (2006, p. 222). Por isso, percebemos como um livro como *Verão no Aquário*, de Lygia Fagundes Telles, tendo características contemporâneas, ainda precisa de uma gama de leitores para ele ganhar ainda mais vida, pois como trata de um assunto considerado ainda “tabu” na nova era, nada mais evidente que a desconstrução pós-estruturalista ganha força como uma abordagem política, e obras como esta também deve ter reconhecimento pela qualidade de sentidos que pode transmitir ao leitor.

3. Outro sentido além da percepção comum

Os delírios de Raíza são bastante perceptíveis, quando ela, além de sentir a presença viva do pai, deseja que André a ame, e para isso ela até idealiza mudar seus hábitos para se tornar digna de seu amor, já que ela acha que André tem um caso com sua mãe. “André! Gritei. Mas ele já não me via. Enlaçou minha mãe e enlaçados nus os dois corpos rolaram pelo braseiro do fogão, vermelhos como ferro incandescentes, as caras palpitantes de gozo” (Telles, 1998, p. 149). Podemos perceber que ela começa a ficar cega sobre a relação da mãe com André, e acaba deixando de enxergar os benefícios que tanto o André fazia para sua mãe, quanto sua mãe fazia para André. Conforme acima mencionado, percebemos uma ligação com o trecho da página 204, que ela reconhece os benefícios que ambos faziam um ao outro e se arrepende por tê-los interrompidos, “senti que ela estava pensando nele e meu coração se apertou de dor. Podia imaginá-la assim mesmo no hospital, olhando para André com o mesmo olhar com que olhava para o céu” (Telles, 1998). Observamos que depois de todo o sofrimento, Raíza percebeu as consequências de sua ignorância por não olhar para além de si mesma.

Com isso, mostramos a “reflexão sobre o lugar ocupado pela mulher e a vivência de sua sexualidade no plano social” (Santos; Grácia-Rodrigues, 2017, p. 318), e se caso ela mude essa rotulação, será julgada e criticada, como Raíza, querendo mostrar para sua mãe que ela pode ser mais do que se esperam dela, porém nem sua própria mãe cria boas expectativas sobre ela, como ela mesma diz: “Estou me despedindo do meu aquário, mamãe, estou me preparando para o mar, não percebe isso? Mas nem você percebe isso?” (Telles, 1998, p. 131). Telles tenta nos mostrar a vida de uma moça que está se tornando mulher, quando se perde um pai ocorrem certas frustrações o que colabora para as incertezas de um jovem virando adulto, mas que socialmente esperam que ela crie responsabilidades e tome atitudes de uma vez, como se fosse uma adulta com experiências.

A desconstrução do feminismo é pautada porque engloba questões importantes da minoria, e o pós-estruturalismo mostra isso nitidamente, quando,

Uma crítica teórica como enquanto movimento social, que traz à tona inúmeros questionamentos políticos e sociais sobre a forma como os sujeitos masculinos e femininos são constituídos, incluindo questões como subjetividade, formação das identidades sexuais e de gêneros, etc. (Aguiliar; Gonçalves, 2017, p. 38).

O que nitidamente Telles vem mostrando em sua obra contemporânea é dar lugar às vozes esquecidas, tais vozes de mulheres reais, e não de personagens que as pessoas idealizam como a certa ou errada. Como diz respeito ao pós-estruturalismo, não veio para tendenciar mais questões e dizer o que é verdade ou mentira, mas sim, mostrar outras possibilidades de interpretação. Já que essa desconstrução “passa a ser “decisivo”, e palavras como “verdade”, “realidade”, “conhecimento” e “certeza” reconquistam sua força, quando pensamos na linguagem como algo que fazemos, como algo inseparavelmente interligado às nossas formas práticas de vida” (Eagleton, 2006, p. 220-221).

Conquanto, tudo o que Raíza viveu no verão dessa estória, mostra como ela evoluiu e mesmo não tomando nenhuma atitude concreta, uma atitude de ação, ela aprendeu com suas incertezas e evoluiu como pessoa. Com certeza depois desse verão ela não será mais a mesma, como nós que passamos por muitos momentos e estamos sempre em evolução, porque o homem (mulher) real que Telles almeja transmitir, é assim, com muitas incertezas em suas decisões na vida, mas o importante, eventualmente, será a evolução pessoal de cada ser.

4. Conclusão

Percebemos como os acontecimentos na vida de Raíza podem ser encontradas na rotina de qualquer pessoa, mesmo sendo uma personagem criada por Telles, podemos observar que a autora conseguiu mostrar com êxtase as questões que podem rodear a vida das pessoas contemporâneas, principalmente as mulheres, foco da nossa pesquisa. E por tais motivos, entendemos como essas discussões vem ao encontro da teoria do pós-estruturalismo, usada como base para a melhor compreensão da fantástica vida de uma mulher em evolução.

Desta forma, notamos como a obra *Verão no Aquário* tem grande qualidade na contemporaneidade, já que no decorrer da discussão podemos observar que a questão maior da pesquisa, gera outras questões também importantes para melhor entendimento da obra, ressaltando que essa escrita contemporânea muito nos diz, tanto nos dias atuais e também futuramente. E atribuindo esse valor literário para a obra de Lygia Fagundes Telles, ressaltamos a importância da leitura e como, através desse livro, entendemos que nossas ações geram consequências.

Portanto, mostrar a mulher vulnerável, mesmo tendo toda a liberdade da escolha, ajuda na compreensão da diferença que cada um carrega internamente consigo, já que ser indecisa e confusa, não está ligado a sinal de fraqueza, mas sim de que se importa e tem medo das consequências que uma decisão pode levar. Contudo, é mostrado também que Raíza

passou o verão todo arquitetando suas ideias, porém não as concluiu, e por esse motivo, talvez seja melhor ter a atitude de tentar do que o tempo passar e não sermos capazes de sair da nossa zona de conforto, ressaltando mais uma vez o valor da crítica pós-estruturalista.

5. Referências

AGUILIAR, Marcia Adriana Brasil; GONÇALVES, Josiane Peres. “Conhecendo a perspectiva pós-estruturalista: breve percurso de sua história e proposta”. Rio Grande do Sul: **Conhecimento Online**, 2017.

ASSIS, Machado. “Teoria do medalhão”. In: **Papéis avulsos**. Rio de Janeiro: Nova Aguiliar, 1881.

EAGLETON, Terry. “O pós estruturalismo”. In: **Teoria da literatura: uma introdução**. 6^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GRÁCIA-RODRIGUES, Kelcilene; SANTOS, Eneide Silva. **A resistência feminina de amor Rasgado, de Marina Colasanti**. Cadernos do IL, Porto Alegre, n. 54, outubro de 2017, p. 311-330.

TELLES, Lygia Fagundes. **Verão no Aquário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.